

PRESENÇA DE APELIDOS EM CARTAS OBITUÁRIAS DE OURO PRETO E MARIANA-MG: DISTINÇÃO POR GÊNERO

Elisabeth Maria de Souza CAMILO¹

RESUMO: A onomástica, que estuda os antropônimos e os topônimos de uma língua bem como o estudo linguístico deles, requer métodos de pesquisa especiais já que há a necessidade de se aprofundar em temas pouco considerados no estudo da linguística. Enquanto autores clássicos avaliam nomes de família, graus de parentescos e origens histórico-geográficas de nomes de ruas e de cidades, outros subtemas parecem esquecidos. Dentro da dialetologia, vale ressaltar que é frequente a presença de apelidos (também chamados de alcunhas ou pseudônimos) referentes à identificação de pessoas, do nascimento à morte das mesmas, ou também surgidos de eventos que ocorreram durante fases da vida de qualquer um. Esse trabalho estuda a relação entre o apelido e o gênero considerando como *corpus* anúncios fúnebres impressos e distribuídos nas cidades de Ouro Preto e Mariana-MG. Percebe-se neles uma distinção de tratamento entre homens e mulheres nesse campo.

Palavras-chave: dialetologia, apelidos, gênero, obituários, onomástica

ABSTRACT: The onomastics, that has studied antroponyms and toponyms from one language as also the their linguistic study, asked special research methods, once there is the necessity of deeping into themes less considered in this field.. While classical authors evaluate families' names, parental grades, and historical-geographical origins of names of streets and cities, other subthemes seem forgotten. Into dialetology, it needs be Said how frequent is the presence of nicknames (too known like alcunhas or pseudônimos) referred to the persons' identification, from the birth to death of them or appeared during facts of the life of anyone. This papers has studied the relation between the nickname and the gender considering like corpus fúnebres advertisements that are pressed and distributed in Ouro Preto and Mariana-MG, Brazil. It is perceived that there are different treatment among men and women in this field.

Key-words: dialectology, nicknames, gender, obituary, onomastics

1. Introdução

A cena se repete a cada instante em quaisquer locais das cidades de Ouro Preto e de Mariana. Afixados em um poste, uma parede ou um quadro previamente colocado para esse fim, um ou mais anúncios fúnebres alertam os transeuntes sobre óbitos ou missas de ressurreição. As pessoas os leem, releem, muitas vezes comentam com alguém do lado algo a respeito do(s) nome(s) ali indicado(s) e referenciado(s). Essa atividade faz parte da rotina da cidade.

As agências funerárias enviam para as rádios um exemplar do *folder* e mesmo quem não teve a chance de ler os anúncios, os escutarão através das ondas de rádio. De alguma forma, todos ficam sabendo sobre o óbito e/ou sobre as missas rezadas pela alma de alguém que faleceu há sete dias, um mês, um ano e assim por diante.

A descrição acima não teria nenhuma importância científica se o ato de anunciar a morte via anúncio funerário publicado avulso e fixado em locais públicos não perdesse a

¹ Mestranda em Letras – Linguagem e Memória, pela Universidade Federal de Ouro Preto

importância diante de obituários em jornais nos centros urbanos e carros de sons (em cidades menores). Nas duas cidades em estudo, os jornais raramente publicam a seção obituária e já faz parte do pacote funerário a distribuição e fixação dos anúncios (volantes) bem como o envio de um exemplar para as rádios.

A proposta de se estudarem os anúncios de morte e de missa nasceu da curiosidade sobre o conteúdo presente nos mesmos. Além de haver a clara objetivação do documento (anúncio de morte e/ou convite para missa de ressurreição), ali também estarão presentes os nomes do morto, dos parentes vivos e falecidos do mesmo, todos acompanhados de apelidos e outros referenciais de identificação tais como apostos, genitivos, endereço familiar, irmandade religiosa a que ele pertence e até mesmo a profissão dos apresentados. Numa busca de reconhecimento das personagens envolvidas, nomes de empresas servem como identificadoras e matriarcas/patriarcas familiares, mesmo mortos há muito tempo, surgem rememorados.

Diante da abrangência de dados, optou-se por analisar a presença de apelidos diante de nomes masculinos e femininos nos referidos documentos e distinguir nela a diferença acentuada de tipos de apelidos entre os gêneros. Para essa finalidade, recorreu-se ao estudo da onomástica, à teoria do conhecimento social e à análise de conteúdo, que deram base para explicação entre a frequência de hipocorísticos para mulheres e de apelidos singulares para homens, a maioria desses últimos vinculada às questões estética, profissional e pública do indivíduo.

O *corpus* é formado de aproximadamente mil cartas (*folders*) coletadas em três formas: recolhimento nas ruas de ambas as cidades, visitas regulares às agências funerárias e uso de uma coleção particular, pertencente a um morador quase centenário de Ouro Preto, quem herdou do pai o hábito de recolher nos postes e paredes obituários de amigos.² As datas abrangentes têm como limite o ano de 1937 e continua até a presente data, em conformidade com o andamento do cronograma do projeto de mestrado.

Por uma questão metodológica e conceitual, optou-se pelo uso do termo “apelido”, mais utilizado na região do que os outros referenciados, a saber, antropônimo, apodo alcunha e pseudônimo. O termo escolhido aceita tanto a proposição de apelido = pseudônimo quando a de apelido = nome de família.

² M.V.C. é um ex-funcionário da Escola de Minas da UFOP e está prestes a completar cem anos de idade. Ofereceu sua coleção para a pesquisa de mestrado em andamento em conformidade com sua família.

2. Onomástica e referência nos anúncios estudados

Câmara Jr. (1984, p.182), ao definir onomástica como “estudo de antropônimos e topônimos”, liga a ela o que ele chama de onomasiologia, assim definida:

Método de pesquisa que consiste em reunir as expressões de que expõe uma língua para traduzir determinadas noções (magreza, fome, embriaguez). Parte-se assim dos significados capazes de ter expressão linguística, para se chegar às formas linguísticas correspondentes, em vez de focalizar uma forma para em seguida examinar as suas diversas significações e empregos. Estende-se a conceitos sociais e morais, graus de parentesco, de profissões, etc..

Esse conceito é muito importante para a evolução da pesquisa em andamento uma vez que os apelidos analisados se relacionam com profissões, com estados físicos ou emocionais, a situações sociais ou econômicas ou mesmo de parentesco dos indivíduos. Vale relatar que mesmo que o nome do falecido não seja anexado de predicativos, a adjetivação pode vir diante dos nomes dos parentes vivos, o que, numa proposta de continuação futura dos documentos, leva a autora a crer que a predicação por apelido continuará da mesma forma. Encontram-se com mais frequência apelidos profissionais, estéticos, advindos de alguns eventos sociais vividos pela pessoa em alguma fase da vida, vinculados a detalhes físicos/emocionais da pessoa ou de expressões genitivadas. Outra forma muito utilizada para adjetivar as pessoas se traduz no uso de hipocoriísticos. A seguir, exemplificaremos algumas dessas circunstâncias.

2.1 Apelidos Profissionais

A profissão de um indivíduo pode referenciá-lo de diversas maneiras. A história pode comprovar isso, através da análise de nomes de família (pedreira, ferreira, buscar outros).

No *corpus* em análise, a profissão qualifica a pessoa de forma direta, diferentemente dos nomes passados, quando necessitamos analisar a origem do nome para se chegar a essa conclusão. Assim, há cartas onde os nomes são seguidos da profissão, de forma simples e direta (Marcinho Pedreiro, Nede Júnior, filho de Nede marcineiro, Elza enfermeira, etc.). Esse tipo de referência pode trazer *status* social, quando antes do nome vem a profissão do indivíduo (Engenheiro Lucas, Doutor Amaro, Advogada Priscila), havendo confusão entre profissão e nome, muitas vezes o indivíduo sendo identificado apenas pela profissão.

2.2 *Apelidos de origem estética e/ou advindos de situações sociais*

Questionadas as famílias sobre a razão de um parente ter sido conhecido como “batata” e “cabeção”, a resposta foi surpreendente. O rapaz era magro mas tinha uma cabeça muito saliente. Na infância, foi apelidado de “batata” porque as crianças compararam a cabeça com o tubérculo. Na juventude, ele recebeu o segundo apelido devido ao mesmo motivo. Na carta funerária, os dois apelidos estavam presentes. Este exemplo ilustra como características estéticas ou situações sociais podem interferir na adjetivação que identificará uma pessoa. Há uma carta em que o fato de haver interação social na região através do ato de compartilhar um pó chamado de rapé originou um apelido para um homem: “cheira-pó”. Uma adolescente que adora beijar ganhou o apelido de “Maria beijoqueira” e morreu idosa carregando consigo a predicação.

2.3 *Casos genitivados*

O uso da preposição de promove a genitivação, que consiste em dizer que alguém é propriedade de. A apropriação (consignação) pode tanto ser humana (pai de, filho, sobrinho de, etc.) quanto de objetos inanimados (morador de, funcionário de, etc.). O indivíduo é reconhecido pela rua em que mora mas é como se a rua pertencesse a ele, no segundo caso. Dentro da amostra estudada, houve casos em que empresas famosas das cidades estudadas (Vale do Rio Doce, Novellis, UFOP, empresas de transporte e hotéis) parecem pertencer ao empregado. Exemplos encontrados: Wilma (funcionária da Transcotta), Dudu da Vale, Mário da Transportadora Queiroz Júnior. Os genitivos propriamente ditos são bastante frequentes, como nos exemplos : Lidiane, esposa de Carlinhos, da Vale.

2.4 – *Hipocorísticos*

Para conceituarmos o termo, voltaremos a Câmara Jr. (1984, p. 139), que define hipocorístico como qualquer palavra que exprima afetividade. Considerando essa proposta, são hipocorísticos os diminutivos (-inho, inha, Ito, ita, etc.), a repetição/reduplicação de sílabas, principalmente as tônicas (Marília – Lili, André – Dedé, Zélia – Zezé). Também são hipocorísticos abreviações do prenome com acréscimo de sufixo diminutivo (raramente aumentativo). Eulália vira Lalá, Emília vira Miloca, Lúcia vira Luluzinha. Entram no rol dos hipocorísticos vocábulos como “benzinho”, “maninha”, “teteia, e os africanismos “nhonhô”, “ioiô”, “sinhá”, “Iaiá”. Essas formas predicativas são mais usadas para mulheres do que para homens na região estudadas.

3. Sociologia do Conhecimento e sua Influência na Identificação das Pessoas.

Berger & Luckmann (2009), em sua obra intitulada “A Construção Social da Realidade” apresenta aos seus leitores a Sociologia do Conhecimento. Permeando essa teoria, os autores trabalham filosofias, ideologias e conceitos de epistemologia. Após isso, chegam a conclusões tais como:

- a sociologia deve ocupar-se com tudo aquilo que é considerado “conhecimento” na sociedade (*op.cit*, p.29);
- a linguagem cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha sentido para mim (*op.cit*, p.38);
- há um intercâmbio contínuo entre a minha realidade e a do outro (*op.cit*, p. 47);
- o outro pode ser real para mim sem que eu o tenha encontrado face a face, por exemplo, de nome ou por me corresponder com ele (*op.cit*, p.47);
- a linguagem é capaz de transcender completamente a realidade da vida cotidiana (*op.cit* p.60);
- todas as identificações realizam-se em horizonte que implicam um mundo social específico (*op.cit*, p.177).

O conhecimento que temos do outro nos revela a tipificação que naturalmente o outro sofre a partir disto. Aqui, a questão da predicação e da adjetivação formadoras do apelidamento alheio se mostra bastante clara e, naturalmente, se adapta à pesquisa ora desenvolvida. De alguma forma, é preciso ter em mente que nem sempre o nome tem significado para uma pessoa, que sequer compreendem a razão por que o possuem. O mesmo pode ocorrer com o apelido mas, na maioria das vezes, alguém saberá explicar a razão de sua existência.

Seabra (2000) nos adverte sobre a importância da onomástica, principalmente no que tange à questão do estudo do nome pessoal e do apelido. Segundo ela:

Transmitido de geração a geração, o nome ou o apelido de família carrega em si todas as marcas da descendência gentílica, não sendo por isso de livre escolha do cidadão (...). O nome doado e conhecido coloca o receptor no centro de convergências positivas e negativas ou de vetores de forças que definirão personalidades e comportamentos, condutas e estilos de vida tornando nome e indivíduo uma só entidade.

Isso significa que, nomes e apelidos transformam o indivíduo no que ele é ou pelo menos no que se deseja que ela seja. São estas as tipificações sob as quais vivemos:

3.1 *Tipificações e suas implicações na vida de uma pessoa*

Berger & Luckmann (2009, p.173-236) nos apresentam os conceitos de tipificação individual primária, secundária e até mesmo terciária. Segundo eles, assim que nasce, a criança recebe dos pais, padrinhos e amigos, além de um nome cartorial, uma tipificação primária, que pode ser motivada ou não, ou seja, a relação significado significante de Saussure pode existir ou não. A tipificação primária surge quase imediatamente, baseada em algum evento que leva as pessoas a apelidarem o bebê. Algumas vezes, mesmo na idade adulta, as pessoas não sabem o porquê de seus apelidos de infância. Os autores defendem a hipótese de que a criança não tem como se defender dessa primeira tipificação:

Na socialização primária não há problemas de identificação. Não há escolha de outros significativos. A sociedade apresenta ao candidato à socialização um conjunto antecipadamente definido de seus significativos que ele tem que aceitar (...) Temos que nos arranjar com os pais que o destino nos deu.(...) Desde que a criança não tem escolha ao selecionar seus outros significativos, identifica-se automaticamente com eles (*op.cit.*,p.180)

A tipificação secundária se faz sólida através da interiorização de “submundos” institucionais (creche, escola, parquinho, clube, etc.) onde o ser que se desenvolve recebe novos adjetivos que legitimam papéis e ganham simbolismos que podem se manter pelo resto da vida. Muitas pessoas podem não compreender seu primeiro apelido mas podem conhecer plenamente outras adjetivações (predicações) adquiridas durante o desenvolver da vida. Na tipificação secundária e nas outras possíveis após essa, o indivíduo externiza papéis legitimadores e o caráter automático da primária passa a não existir nessas. Em resumo, à medida que vamos solidificando papéis, vamos colecionando tipificações. O meu amigo será o John, inglês, magro, vegetariano, filho de um compositor de música clássica que mora em uma cidade do interior. Ele também será o expansivo, o amigo, o que sabe ouvir, etc. Por sua vez, recebeu quando criança o apelido de “neném”, conforme é conhecido por amigos e parentes.

A sociologia do conhecimento consegue explicar de certa forma porque, nas cartas obituárias estudadas, a presença de um ou mais apelidos aparecem diante do nome do falecido bem como de seus parentes e até mesmo a extensão da adjetivação ou predicação (tipificações secundárias e terciárias) que apontam os papéis exercidos por todos os apresentados no documento e que legitimam a proposta linguística de sua presença no texto (graus de parentesco, informação profissional e geográfica, epítetos fúnebres do tipo “in memoriam”

3.2 – Aplicações da “análise de conteúdo” ao estudo das cartas obituárias

Para aplicarmos a análise de conteúdo no contexto estudado, faz-se necessário conceituar o que ela é de fato. Bardin (2010, p.20), citando o clássico Lazarsfeld (1952), nos oferece o seguinte conceito básico: “é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Devido à abrangência do conceito, a análise de conteúdo pode ser aplicada a qualquer ciência. Em nosso estudo específico, o objetivo do uso dessa técnica se dará para fazer o recenseamento semântico ou sintático de base de um setor publicitário, a saber, a carta ou *folder* obituário distribuído nas cidades de Ouro Preto e Mariana-MG, já anteriormente descrito. Para sermos objetivos, dividiremos o tema em três subdivisões: análises inferencial, linguística e documental. Ela também servirá para nossas considerações finais já que ensina a utilizar os dados obtidos e aplicá-los aos nossos objetivos a partir dela.

A análise inferencial nos fornece informações suplementares, quando objetivamos criticar a mensagem, seja ela de qualquer origem; ou seja, queremos saber mais a respeito dela, mesmo que isso não esteja explícito. No estudo em questão, a mensagem (publicada e afixada em locais públicos) alcança um receptor onde ele estiver com código reconhecível pela maioria, uma vez que na cidade quase todos se conhecem. O emissor é a família do falecido que utiliza como canais o documento impresso e a leitura deste nas rádios locais. Mesmo que eu não conheça a pessoa falecida, provavelmente conhecerei alguém vinculado a ela (um pai, uma mãe, um tio, um sobrinho, um neto, um colega de trabalho). Para o fim acadêmico expresso, o apelido pode me levar a informações implícitas (ou não). Alguém tipificado como “gordo” pode ser magro e há quem nunca saiba porque possui um apelido, tal como um “marcos”, que é conhecido desde os primeiros dias de vida como “Juca” e nunca descobriu o porquê disto. Inferências podem me conduzir, portanto, a conclusões erradas algumas vezes, já que a tipificação primária pode não ser explicada simplesmente porque foi aceita sem contestação ou explicação plausível. Alguém pode ser chamado Antônio por causa do santo mas não sabe porque recebeu o pseudônimo de “duca”.

A análise linguística coloca em confronto os objetivos da linguística e os da análise de conteúdo: Conforme a autora, nas páginas 45 e 46, enquanto a linguística trabalha com o “manual do jogo da língua”, a análise do conteúdo trabalha com “a prática da língua realizada por emissores identificáveis”. Uma trabalha com a língua e a outra se ocupa dos conteúdos, formas e distribuição desses. Enquanto a linguística tenta descrever o funcionamento da língua, a análise de conteúdo busca revelar o que está por trás dos significados que temos,

lemos ou ouvimos. Podemos, assim, afirmar que a análise de conteúdo busca um significado semântico para aquilo que, a princípio, parece não o ter. No estudo de caso, por trás dos apelidos das pessoas, há histórias e enredos, e é isso que nos importa. Linguisticamente, “Juca é Juca” mas para obter esse apelido, o que pode ter ocorrido? A resposta pode ser que houve a junção das primeiras sílabas dos nomes dos pais (Jurema e Carlos) ou que, do nada, alguém chamou o bebê de “Juca”e assim ficou para o resto da vida. Pode ter ocorrido que o apelido tenha surgido devido a outros eventos que ocorreram em tipificação secundária ou terciária. Assim, a análise de conteúdo se faz muito importante nessa pesquisa.

Por fim, temos a contribuição da análise de conteúdo diretamente relacionada com a análise documental. A diplomática, que estuda a análise e a tradução de documentos, é bastante seletiva e circunscrita a apenas alguns meios acadêmicos e intelectuais. Há também quem não considere os documentos em estudo como documentos propriamente ditos e o argumento mais forte para essa opinião é o fato de eles nunca terem sido sequer arquivados. Mas, sem a necessidade de sermos peritos, podemos perceber que eles são documentos sim e muito ricos em dados. Um dos objetivos da pesquisa de mestrado em andamento é transformá-los em arquivos, conforme propostas de Derrida (2001):

- A função arcôntica não requer somente que o arquivo seja depositado em algum lugar e que fique ali consignado para serem classificados, unificados e identificados.
- Necessita-se de um suporte estável (a parede, o muro, o poste) e que seja público, nunca em segredo. (*op. cit.* 12-14)
- Todo arquivo é conservador, instituidor, revolucionário e tradicional (*op.cit.*,p.17)
- Há uma forma tipográfica própria (*op.cit.* 17)
- O arquivo pertence ao domínio público e aberto a interpretações.

A análise documental permite estudar o documento por entradas ou recortes, o que é bastante prático neta pesquisa. O recorte da informação “presença de apelidos diante de nomes masculinos e femininos” é, conforme Bardin (2010,p,48) “idêntico à fase de tratamento das mensagens de certas formas de análise de conteúdo”, principalmente porque

- a documentação trabalha com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação);
- a análise documental faz-se, principalmente, por classificação-indexação; a análise categorial-temática é, entre outras, uma das técnicas de análise de conteúdo;
- o objetivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não da mensagem.

4. Apelidos nas cartas funerárias – distinção por gênero

Conforme afirmado anteriormente, as cartas funerárias, uma espécie de anúncio publicitário volante, afixado em locais públicos das duas cidades mineiras, merecem ser tratados com distinção principalmente por duas razões:

- a maioria das cidades brasileiras optou por anúncios em igrejas e/ou carros de som;
- na região estudada, as cartas são impressas conforme discurso oral e enviadas para rádios locais e da mesma forma tratadas (discurso oral).

Na oralidade, nomes cartoriais (oficiais) quase são esquecidos e as proposições identificadoras são mais utilizadas. Dentro destas proposições, optamos pela presença dos apelidos propriamente ditos (por muitos conhecidos como alcunhas ou pseudônimos)

O *corpus* em análise é abrangente e logo podemos perceber uma distinção do tratamento feito para homens e para mulheres. Mas ainda assim, por impulso metodológico, separamos as cartas por gênero e depois as classificamos como “com e sem apelidos” para termos uma visão mais clara do evento dialetológico/sociolinguístico.

4.1 Apelidos femininos

Na amostra estudada, a maioria dos apelidos encontrados eram hipocorísticos, ou seja, são formas afetivas de se tratar uma pessoa. Normalmente, podem ser expressos como reduções do nome cartorial (Lílian = Lili, Emanuela = Manu), repetição de sílabas tônicas (Eulália – Lalá, Emília – Mimi) ou formas no grau diminutivo tais como Mariinha, Cassinha, Nicinha, etc. Podem ocorrer derivações diminutivas em “ita”, tal como ocorre em Elzita = Zita. Apelidos infantilizados também podem ser considerados formas hipocorísticas: teteia, neném, dadá, benzinho, maninha, etc. Formas em que os pronomes de tratamento Nhá, Iaiá, Nhanhá e dona são mais usadas para mulheres mais idosas. Algumas amostras apresentam um pronome referencial de tratamento seguido de uma forma hipocorística ou não hipocorística.

Ex.: Dona Neguinha da Loja da Rua Direita, Dona Elza Enfermeira.

Apelidos depreciativos ou singulares são raros para as mulheres mas quando ocorrem a idade delas comprova que se tratam de mulheres mais jovens que saem para trabalhar fora do lar ou porque as mesmas foram vítimas de eventos sociais que as marcaram negativamente. Houve na amostra um apelido “Maria Beijoqueira” e outro “efigênia bananeira” vinculados a fatos da vida das mulheres que os retinham.

4.2 Apelidos masculinos

Para os homens o que se pode observar através do *corpus* estudado difere bastante do que detectamos para as mulheres. O sentido original dado ao termo “apelido” como nome de família é bastante utilizado nesse caso, quase sempre acompanhado do pronome de tratamento Sr. ou por extenso “senhor”. Ex,; Sr. Barbosa, Sr. Zé Toledo.

Outras formas referenciais advêm das profissões exercidas pelos homens. Houve dois casos bastante curiosos:

- esposa de um homem morre e na carta o esposo é tratado como “Geraldo 106”. Foi possível observar a extensão “106” na maioria dos nomes dos filhos. Questionado sobre a razão do apelido, a resposta foi surpreendente: na década de 20 do século XX, aquele homem começou a trabalhar em uma empresa de mineração de Ouro Preto. Como havia mais outros dois geraldos, o patrão decidiu chamar o recém-ingresso pelo número de registro de sua carteira de trabalho (106) e isso perdura até o momento. Detalhe: exceto o próprio referenciado, ninguém da família sabia a razão do apelido, o que comprova a tese de Berger and Luckmann de que muitas tipificações são simplesmente aceitas sem contestação e passam a fazer parte da vida das pessoas.

- o anúncio fúnebre enunciava o óbito de alguém cujo nome era Luciano mas o apelido era “cueca pedreiro”. Através de informação obtida da família, descobrimos que “cueca” era apelido de infância e que pedreiro adveio na juventude devido à profissão escolhida pelo Luciano, nome aliás praticamente desconhecido pela população.

Embora haja pesquisadores que afirmem que os hipocorísticos são hoje muito utilizados para homens, na região estudada esses possuem apelidos depreciativos, singulares, vinculados a trabalho e/ou frutos de alguma ação social. Alguns apelidos masculinos necessitam de mais pesquisa para serem compreendidos uma vez que soam estranhos até mesmo para os familiares. Existem homens cujos apelidos jamais lhe foram explicados (caso de tipificação primária cujos tipificadores morreram ou desapareceram).

4.3 Como são tratados homens e mulheres nos anúncios fúnebres

Em todos os anúncios, o corpo textual é semelhante: em tipos maiores e em negrito, vem o objetivo da comunicação; em seguida, vem, na maioria das vezes, os nomes e adjetivações de parentes vivos e mortos para depois vir o nome da pessoa falecida (nome cartorial), seguido de seu apelido ou de outras formas de predicação. Naqueles onde há o apelido, é claramente perceptível o uso de hipocorísticos para mulheres e de outras formas de apelidos para os homens, Mesmo nas cartas onde a pessoa falecida não possua apelido, esse

surgirá diante de nomes de parentes vivos ou mortos, formando uma cadeia entre passado, presente e futuro. Há nomes que não apresentam apelidos e partimos dos pressupostos de que ou são moradores novos nas cidades ou possuem pouca interação social. O uso de outros tipos de apelidos para mulheres na amostra estudada é bastante raro mas predominam para elas expressões patronímicas (genitivadas) como se elas sempre fossem propriedade de alguém.

O *folder* analisado é apenas um reflexo do ambiente sócio-cultural no qual todos vivemos e um indicativo forte de como a dialetologia exerce influências diferenciadas em cada canto do país. Anúncio semelhante ao de Ouro Preto/Mariana foi encontrado em uma padaria da cidade mineira de Diamantina em novembro/2010 mas questionando o dono do estabelecimento, descobriu-se que é raro isso ocorrer e, quando ocorre, a família é rica e afixa a carta fúnebre em locais onde o morto costumava frequentar, o que não ocorre nas cidades em estudo. Uma outra diferença entre as cartas está no fato de os nomes dos parentes não aparecerem, sendo substituídos pela expressão “a família de”.

5. Considerações Finais

Se a curiosidade me moveu até o ponto de optar por uma pesquisa de mestrado onde o objeto de estudo é a análise da presença de apelidos de cartas obituárias de Ouro Preto e de Mariana-MG, creio que ela também subsiste na mente de outras pessoas, tanto nativas quanto as que visitam essas cidades, consideradas patrimônio da humanidade e se propondo a ser um (no caso de Mariana). Creio que deve chamar a atenção dos turistas a presença dos impressos afixados em diversos locais da cidade anunciando a morte e/ou as missas de ressurreição pela alma de alguém. Não devo ser a única que percebeu a abrangência de dados presentes nesses anúncios, nem sequer considerados documentos, porque hoje existem e amanhã são descartados. Mas estudar esses anúncios se tornou para mim uma tarefa fascinante, levando-me às pesquisas que envolvem a teoria do conhecimento, a análise de conteúdo, a dialetologia, a linguística e principalmente a onomástica. Optar por estudar a presença dos apelidos diante dos nomes masculinos e femininos é o resultado de um longo processo de filtragem de temas mas para mim foi minha melhor escolha porque amanhã vou morrer e terei meu próprio anúncio afixado na cidade. Meu nome é Elisabeth mas há quem me chame de Elisa e de Beth. Alguns amigos queridos me chamam de Betinha e duas pessoas me chamam de Betona. Meus pais ainda são vivos e ele é aposentado de uma famosa empresa da cidade enquanto minha mãe cuida de uma igreja . Meu marido tem nome e apelido mas só é

conhecido pelo apelido acrescido de um genitivo empresarial (Dunga, da Escola de Minas). Minha avó foi mulher conhecida e mesmo após estar morta todos somos conhecidos como filhos, filhas, netos, bisnetos e afilhados dela. Então, me questiono: como será a minha carta fúnebre? Quantos apostos, predicacões, adjetivações e apelidos estarão nela?

Partindo dessa grande dúvida e de todas as minhas observações sobre estes anúncios da cidade, baseando na leitura que fiz de De Paule & Topalov (2001,p. 19-38), que colocam esses documentos como fazendo parte das “palavras da cidade”, e na leitura de Foucault (2007), em sua obra “As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas” escrevo e estudo sobre anúncios fúnebres e como eles tratam homens e mulheres de minha terra e compreendo porque esses mesmos anúncios deviam ser considerados como documentos dignos de serem arquivados, estudados e transformados em pesquisas vindouras que ultrapassem o estudo dos apelidos mas que mostrem muito mais da cultura dessa rica região das Minas Gerais.

6. Referências Bibliográficas

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa:Edições 70 Lda., 2010 (c.1977).

BERGER,P.L.; LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. 30.ed. Petrópolis:Vozes, 2009.

CÂMARA JR., J.M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 11.ed. Petrópolis:Vozes, 1984.

DePAULLEI J.C; TOPALOV, C. *A Cidade Através de Suas Palavras*. IN.: BRESCIANI,M.S. (org.). *Palavras da Cidade*. Porto Alegre: Ed.Universidade UFRGS, 2001.

DERRIDA, J. *Mal de Arquivo:um impressão freudiana*. Rio de Janeiro:Relume Dumará, 2001.

FOCAULT,M. *As Palavras e as Coisas. Ums Arqueologia das Ciências Humanas*. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SEABRA, M.C.T.C. de. *Referência e Onomástica*. Belo Horizonte:UFMG, 2000. Disponível em http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf, acesso em 06.02.2010.

59



MISSA DE RESSUREIÇÃO

ENEDINA DA COSTA SILVA (Diquinha)

Viúva de : José Amaro

Mãe de: João Francisco (guia turístico), Geraldo,
Flávio, Eduardo, Efigênia, Cristina, Mauro,
Fátima e Ângelo (Barbeiro).

ENEDINA DA COSTA SILVA

Agradecem as manifestações de pesar e carinho
recebido por ocasião do seu falecimento e convidam
para a Missa de Sétimo dia que fazem celebrar por
intenção de sua alma, dia 15/08/09, sábado, às 19:00
horas, na Capela do Padre Faria.

Antecipam agradecimentos.
Ouro Preto, 13 de agosto de 2009.

Funerária Bom Pastor
Plantão 24 horas.
Fone: 3551-7345

Rua Alberto Magalhães, 330 - Bauxita - Ouro Preto/MG
Celular: (31) 9683-8005



Missa da Ressurreição

Antônio Damásio de Araújo
(Antônio Caldeirão)

A família de:

Antônio Damásio de Araújo

agradece as manifestações de pesar recebidas e convida amigos e demais parentes para a Missa da Ressurreição, que manda celebrar por intenção de sua alma, dia 10-02-82, às 19:00 horas na Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

Antecipa agradecimentos

Ouro Preto, 9 de Fevereiro de 1982.

Funerária Monteiro - Fone 551-1804
Rua Ressaída Guimarães 25 (Bairro do Rosário - Ouro Preto)



Eng. Bento Fleury da Rocha

(Missa de 7.º dia)

Domingos Fleury da Rocha e família convidam seus amigos para a missa de sétimo dia que mandam celebrar na Igreja de Nossa Senhora do Carmo desta Cidade, na próxima segunda-feira, 15 do corrente, às 7 1/2 horas, por alma de seu pranteado irmão e parente

Eng. Bento Fleury da Rocha,
falecido no Rio de Janeiro.

Antecipam seus agradecimentos.

Ouro Preto, 13 de Maio de 1950.